

**TOPÔNIMOS DE BASE INDÍGENA
DO MUNICÍPIO DE APARECIDA DO TABOADO (MS)
UM ESTUDO SOBRE AS TAXIONOMIAS**

Camila André do Nascimento da Silva (UFMS)

camilandreufms@hotmail.com

Aparecida Negri Isquerdo (UFMS)

aparecida.isquerdo@gmail.com

RESUMO

Este trabalho centra-se no estudo dos topônimos de origem indígena e tem como escopo principal evidenciar a contribuição vocabular ameríndia na toponímia, mais particularmente, investigar influências das línguas indígenas na designação dos espaços geográficos do município de Aparecida do Taboado, estado de Mato Grosso do Sul, que nomeiam acidentes físicos e humanos da zona rural desse município; tem também a finalidade de examinar a questão da motivação predominante nos nomes de base indígena catalogados, segundo a classificação de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990). Os dados foram extraídos dos mapas oficiais do IBGE (2010). Foram elencados e analisados 462 designativos, dentre os quais 55 são oriundos de línguas indígenas. Como base teórica adotam-se conceitos basilares propostos por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992; 1999; 1997; 2006) e para as questões de natureza etimológica e de língua de origem dos topônimos, recorre-se a obras lexicográficas de línguas indígenas e de língua portuguesa tais como: Ceci Fernandes de Assis (2008); Antônio Lemos Barbosa (1951); Teodoro Sampaio (1986); Mário Arnaud Sampaio (1928; 1987); Antonio Guasch e Diego Ortiz (2008); Luiz Caldas Tibiriçá (1985; 1989); Eduardo de Almeida Navarro (2013); Antônio Geraldo Cunha (1998), Antônio Houaiss (2001). A análise dos dados demonstrou que fatores de natureza física estão intrinsecamente relacionados ao processo de designação toponímica, acima de tudo, na relação de proximidade entre o homem e o meio, como é o caso dos designativos de base indígena que remetem a elementos do ambiente, em especial, flora e fauna, o que justifica as categorias de maior incidência entre as identificadas: zootopônimos e fitotopônimos.

Palavras-chave: Onomástica. Toponímia indígena. Aparecida do Taboado (MS).

1. Introdução

O primitivismo não impediu que a cultura indígena influenciasse o ambiente colonial. Deste modo, é possível afirmar que a formação do Brasil como um país multicultural se deve, sobretudo, à presença de centenas de grupos indígenas que habitam o seu território. Em outras palavras, a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas influenciaram os modos de ser da população mestiça que, a partir da mistura de diferentes matrizes, caracterizaria a população brasileira atual, uma misci-

geração de europeus, africanos e indígenas.

As principais línguas tupi-guarani faladas pelos habitantes do litoral (o tupinambá e o guarani) foram sistematizadas já no início da colonização. De acordo com Paulo Bearzoti Filho (2002, p. 33), “durante o século XVI, praticamente todos os europeus que viveram no Brasil estiveram familiarizados com o tupi, dominando-o com grau variável de competência”. Para o mesmo autor, “pode-se empregar tupi ou tupi antigo em referência à língua dos índios tupis do litoral, e a expressão língua geral, para designar o idioma de base tupi empregado pela população envolvida no processo colonial”. (BEARZOTI FILHO, 2002, p. 34)

Entretanto, o número muito maior de índios do que de europeus nesses primeiros tempos da colonização brasileira, entre o início do século XVI e a primeira metade do século XIX, tornava natural que não fosse o português, mas o tupi, o idioma adotado de forma prioritária como meio de comunicação entre a população envolvida no ainda incipiente processo colonial. No vocabulário, por exemplo, é inegável a presença de tupinismos, sobretudo em áreas específicas, como a toponímia (nomes de lugar), a antroponímia (nomes de pessoa), a culinária, os costumes e, sobretudo, a fauna e a flora brasileiras.

Segundo Aryon Dall'Igna Rodrigues (2006, p. 21), “numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de 350 nomes, são oriundos” do tupi; do mesmo modo, “numa amostra de 550 nomes populares de peixe, quase a metade (225 ou 46%)” tem a mesma origem. Nota-se ainda que é enorme a influência tupi nas denominações geográficas das diferentes regiões brasileiras. Na opinião de Paulo Bearzoti Filho (2002, p. 43), “em grande parte, trata-se de topônimos atribuídos não por índios, mas por bandeirantes, que utilizavam a língua geral como idioma da comunicação ordinária em suas expedições”.

Nesse contexto, este artigo discute resultados preliminares de uma pesquisa em desenvolvimento, como tese de doutorado, vinculada ao Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul) e centra-se no estudo dos topônimos de origem indígena, na área rural do município de Aparecida do Taboado (MS) com destaque para a contribuição vocabular ameríndia na toponímia estudada.

Buscamos investigar, na área dos estudos toponímicos, influências das línguas indígenas na designação de espaços geográficos do município selecionado para este estudo e examinar processos de nomeação de aci-

dentes físicos e humanos da zona rural, particularmente a questão da motivação concretizada pelas taxionomias toponímicas (DICK, 1990) identificadas no universo dos topônimos de base indígena em estudo.

2. *A onomástica e a toponímia*

De acordo com Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990, p. 36), “a *onomástica* e a *toponímia* são partes de uma mesma ciência e por isso mesmo se encontram em relação de inclusão, voltando-se para um mesmo objeto de estudo, que é o estudo dos nomes”. Mais especificamente, a *onomástica* é o estudo dos nomes próprios e surgiu da necessidade do homem de analisar a origem e a formação dos nomes em geral com vistas a auxiliar no entendimento de sua realidade. Essa área de investigação apresenta duas vertentes: *antroponímia* (estudo dos nomes próprios de pessoas) e *toponímia* (estudo dos nomes de lugares), sendo este último nosso objeto de estudo. A toponímia é o ramo da onomástica dedicado ao estudo dos nomes próprios de lugares, levando em consideração sua origem, evolução, motivação, por isso consolida aspectos relacionados às camadas linguísticas, à história, à geografia de um espaço geográfico, enquanto a *antroponímia* dedica-se ao nome próprio de pessoas, considerando prenomes, sobrenomes ou apelidos de família.

Para Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990, p. 19), a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos. Cada povo tem as suas especificações “no dar os nomes” e no “vivenciar os nomes dados”. Segundo a autora, a nomeação dos lugares é uma prática exercida pelo homem desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana, uma vez que essa simples ação proporcionava àquele não apenas um maior contato com o acidente nomeado, mas também uma inegável relação de posse entre possuidor e objeto nominado.

Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 4), “a toponímia do Brasil não é um todo homogêneo. Apresenta configurações que remontam, em suas origens, as várias famílias indígenas que habitaram e/ou habitam o país”. Comporta considerações referentes a três estratos linguísticos: o português, o africano e o indígena. É inegável, porém, que a maior contribuição em relação à escolha dos topônimos, é de procedência indígena, especialmente do tupi. Assim sendo, refletir sobre a formação da toponímia brasileira é aceitar a multiplicidade de línguas e culturas que originaram e solidificaram nosso idioma. Partindo desse

princípio, este trabalho examina influências e/ou contribuições das línguas indígenas, na toponímia, como um fato que contribui para a diversidade linguística do estado de Mato Grosso do Sul.

De modo geral, os nomes de lugares são estudados a partir de três perspectivas: plano da motivação, da estrutura (morfologia) e da língua de origem (etimologia). No que se refere ao plano da motivação, adotamos o modelo taxionômico de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 31-34) que é dividido em duas categorias maiores – os de natureza física (11 taxes) e os de natureza antropocultural (16 taxes), ambas subdivididas conforme o elemento que teria motivado o denominador no ato da atribuição do nome. Em topônimos como fazenda *Cutia*, fazenda *Guariroba* e fazenda *Paraná* representam as categorias de natureza física porque os elementos específicos do sintagma toponímico *Cutia* (zootopônimo), *Guariroba* (fitotopônimo) e *Paraná* (hidrotopônimo) se reportam a elementos do ambiente físico. Já em designativos como fazenda *Xingu* (etnotopônimo) e fazenda *Taperão* (ecotopônimo) remetem a elementos de natureza antropocultural: *Xingu*, *Taperão*.

No que se refere à análise da estrutura do sintagma toponímico, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 10) explica que “o topônimo, em sua formação na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que o identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem seus termos formadores”. Desse conjunto, depreendem-se os elementos *genérico* e *específico*. O elemento genérico indica o acidente a ser nomeado, é aquele relativo à entidade geográfica que será um acidente físico (rio, córrego, montanha...): *córrego* Perdizes, *ilha* do Sapé; ou humano (povoado, cidade, bairro, rua, fazenda...): *fazenda* Urutu, *sítio* Sucupira. Já o elemento específico refere-se ao denominativo, ao topônimo propriamente dito, aquele que particulariza a entidade geográfica, distinguindo-a das demais semelhantes. Nos exemplos citados, *Perdizes*, *Sapé*, *Urutu* e *Sucupira* são os elementos específicos do sintagma toponímico. Ambos, termos genéricos e específicos, atuam no sintagma toponímico, ou seja, “no conjunto formado pela nomenclatura onomástica e pelo acidente identificado, de forma justaposta ou aglutinada”. (DICK, 1992, p. 10)

Em termos de motivação, a terminologia técnica utilizada por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992) é formada pelo termo que justifica a escolha do elemento denominativo – água (hidro), animal (zoo), nome de pessoa (antropo), entidade religiosa (hieró/hagio/mito),

estado anímico (animo)... e pelo vocábulo que identifica a ciência específica – topônimo → hidrotopônimo; zootopônimo; antropotopônimo; hierotopônimo; hagiotopônimo; mitotopônimo, animotopônimo...

Para a análise da estrutura morfológica, consideramos simples aquele topônimo, cujo termo específico se define por apenas um formante (fazenda *Buriti*) e composto aquele constituído de mais de um formante (fazenda *Capão Grande*). Em termos de composição morfológica, o termo específico, ou seja, o topônimo ou o elemento específico pode ser simples, composto ou híbrido (DICK, 1992, p. 13-14). Os topônimos híbridos, seguindo a metodologia do Projeto ATEMS, foram classificados em simples híbrido (fazenda *Taperão*) e composto híbrido (fazenda *Capão Grande*).

O trabalho de Drumond (1965) sobre a toponímia bororo que agregou ideias de vertente europeia representou o primeiro passo para a integração da pesquisa toponímica aos estudos linguísticos na Universidade de São Paulo (USP), privilegiando, inicialmente, os nomes de origem indígena. A tese de doutoramento de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1980), publicada em 1990²⁰⁰, além de apresentar fundamentos teóricos e metodológicos da toponímia, consolida o estudo da toponímia na perspectiva linguística e representa um despertar para a necessidade de pesquisa científica da toponímia sob esse viés teórico. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick se dedicou, em quase quatro décadas, ao trabalho de pesquisa e de construção de uma teoria toponímica com o propósito de estabelecer fundamentos para subsidiar a produção do *Atlas Toponímico do Brasil* (ATB) e sua variante regional *Atlas Toponímico do Estado de São Paulo* (ATESP), ambos os projetos idealizados pela pesquisadora e desenvolvidos na USP.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990, p. 22) pondera que os topônimos se configuram como “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação”. De acordo com a mesma autora, se “a toponímia se situa como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção

²⁰⁰ A Tese de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1980) *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos* foi publicada em 1990 com o título *Motivação toponímica e realidade brasileira*. Para este trabalho utilizamos a versão publicada.

temporal”. No entanto, “para se estudar o topônimo, objeto de estudo da toponímia, é necessário a sustentação de outras áreas de conhecimento, como por exemplo, a história, a geografia, a linguística, a antropologia, [...] de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1990, p. 35-36).

2.1. Considerações sobre a toponímia indígena

No Brasil, os estudos de toponímia foram conhecidos ou iniciados segundo uma perspectiva etimológica de origem indígena tupi (Teodoro Sampaio, padre Antônio Lemos Barbosa e seus seguidores). Levy Cardoso dedicou-se ao estudo da toponímia brasileira amazônica, pondo em evidência o caráter histórico das publicações voltado para a lexicologia indígena, preferencialmente. Na obra *Toponímia Brasileira* (1961) faz menção à descrição de Teodoro Sampaio, *O Tupi e a Geografia Nacional* (1901)²⁰¹, ressaltando o papel e o valor da obra que considera clássica para a toponímia brasileira. (DICK, 1992, p. 1-4)

No plano acadêmico, uma das propostas dos estudos toponímicos, na Universidade de São Paulo, era estudar a toponímia tupi, mais acentuadamente, pesquisar o significado dos nomes do tupinambá antigo, presentes na nomenclatura geográfica brasileira. Dentre os precursores, estão o professor Dr. Plínio Ayrosa Galvão em sua obra *Estudos Tupinológicos*, de 1967, e o prof. Dr. Carlos Drummond com os estudos *Notas Gerais sobre a Ocorrência da Partícula tyb, do Tupi-Guarani, na Toponímia Brasileira*, tese de doutorado, de 1944, e a *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira* (1965). (ANDRADE, 2006, p. 114)

Conforme registra Teodoro Sampaio (1987, p. 68-69), o tupi se espalhou por uma grande superfície do país não pela força da própria raça indígena, mas, sobretudo, em razão das expedições dos colonizadores europeus, que adentravam os sertões e difundia o idioma que também era chamado de *língua geral*. Assim, o português era a língua oficial no Brasil como o espanhol no Paraguai, mas era o tupi o idioma mais usado no país. No que se refere às denominações geográficas, o tupinólogo acrescenta que, mesmo em regiões onde nunca houvera habitado uma tribo da raça tupi, esse idioma prevaleceu. Em Teodoro Sampaio (1928, p. I) en-

²⁰¹ A 1ª edição da obra “*O Tupi na Geografia Nacional*” data de 1901. No entanto, para a elaboração desse artigo, consultamos a 3ª edição, data de 1928 e a 5ª edição de 1987.

contramos o seguinte esclarecimento:

Quero ver nisto o amor do brasileiro ao passado de sua terra e o desejo de conhecer e de demonstrar estima pelo que herdou dos primitivos índolas, senhores deste país. A predileção do brasileiro pelos nomes indígenas na denominação dos lugares é hoje tão acentuada que a toponímia primitiva vai aos poucos se restaurando e as localidades novas dão-se de preferência nomes tirados da língua dos ameríndios tupis.

O processo de nomeação tornou-se um importante mecanismo para que o homem pudesse organizar e controlar o mundo, a fim de facilitar sua socialização e, conseqüentemente, possibilitar um melhor conhecimento da realidade que o rodeia, utilizando quase sempre o próprio ambiente como forma de motivação desse ato. Esse mecanismo de apropriação tornou-se atividade comum, especialmente no que diz respeito às etnias indígenas, nas quais se recorre constantemente a elementos do ambiente, como a fauna e a flora, para nomear os acidentes físicos e humanos de uma região. Mário Arnaud Sampaio (1987, p. 8) assim explica essa relação:

O indígena fazia uso, globalmente, de elementos descritivos do seu ambiente e [...] não apenas dos descritivos puros, mas também dos descritivos associativos porque é portador de uma visão prática e objetiva [...] Assim, os diversos sistemas toponímicos apresentam expressões que significam, em seu universo onomástico, o mesmo fato, ou traduzem uma condição semelhante.

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil no ano de 1500, já viviam ali populações de nativos, em grande parte, falantes de línguas pertencentes à família linguística tupi-guarani. Estas línguas, em especial a tupi, geraram muitos dos atuais topônimos brasileiros. De acordo com Karylleila dos Santos Andrade (2006), a toponímia de origem indígena constitui-se de nomes originários do *Tupi*, *Aruak*, *Karib*, *Jê*, *Kariri*, *Kaingang*, além de possíveis vinculações a outros grupos, talvez ainda não convenientemente estruturadas. As dificuldades para o levantamento completo dos topônimos dessas procedências são explicadas pela relativa familiaridade com tais idiomas e pelas diretrizes que norteavam as investigações toponímicas nativas, quase sempre voltadas, com exclusivismo, para as etimologias tupis, em virtude de sua reconhecida importância e significação para os estudos histórico-linguísticos brasileiros.

Para Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992), o estudo da toponímia brasileira comporta considerações referentes à origem dos dominadores e aos adstratos linguísticos de todos aqueles que fizeram parte da formação da história do povo brasileiro. Para Teodoro Sampaio (1955, *apud* Dick, 1992, p. 8), o indígena utilizava “elementos descritti-

vos de seu ambiente” porque era “portador de uma visão prática e objetiva”. No dizer de Teodoro Sampaio (1928, p. XXXIV),

Denominações geográficas, explicáveis e naturalíssimas numa época em que o tupi era a língua geral ou a mais falada no país, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações cotidianas ou as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis. Portanto, preservar-lhes a grafia verdadeira, e a verdadeira pronúncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véu obscuro dos metaplasmos, vale tanto como resguardar um monumento histórico.

Nesse sentido, para Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992), as palavras devem ser consideradas ao mesmo tempo quanto aos seus significados e quanto às relações que podem ser estabelecidas entre si. Desta forma, seguindo esse raciocínio, reiteramos que neste estudo buscamos compreender os topônimos indígenas investigados de acordo com base teórica de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992).

Além da motivação e da estrutura, a língua de origem também deve ser foco de estudo quando se investiga a toponímia de uma região. Para esse tipo de análise, a pesquisa centra-se na consulta a obras lexicográficas, especialmente aquelas que destacam a etimologia. Para as questões de natureza etimológica e de língua de origem dos topônimos, neste estudo, recorreremos a obras lexicográficas de línguas indígenas tais como: Teodoro Sampaio (1928); Luíz Caldas Tibiriçá (1985; 1989); Eduardo de Almeida Navarro (2013); Antônio Geraldo Cunha (1998), entre outros.

2.2. A área investigada: breve histórico de Aparecida do Taboado (MS)

O município de Aparecida do Taboado está localizado na região da formação do rio Paraná pelos rios Grande e Paranaíba, na bacia hidrográfica do rio Paraná. Situado no sul da região Centro-Oeste do Brasil, mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul, microrregião de Paranaíba, na divisa triangular dos estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais, conforme atesta a Fig. 1.

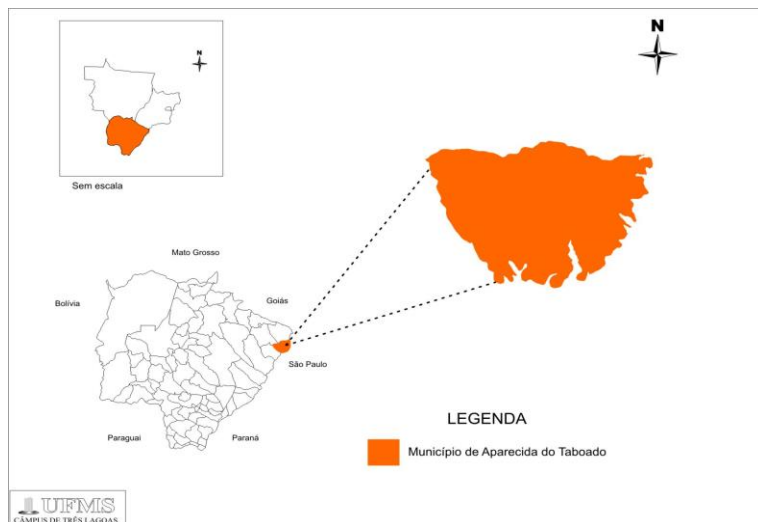


Fig. 1: Localização do Município de Aparecida do Taboado (MS)
(MILANI & ARANHA-SILVA, 2007)

Há registros de que os primeiros povoadores das terras do atual município de Aparecida do Taboado ali tenham se fixado entre os anos de 1830 e 1838. Todavia, a formação do povoado iniciou-se, possivelmente, a partir de 1900, destacando-se no empreendimento os mineiros João Barbosa e Maximino da Rocha.

O primeiro núcleo populacional surgido na região foi o Porto Taboado, às margens do rio Paraná, passagem obrigatória do gado procedente do norte do então Mato Grosso do Sul e do estado de Goiás, destinado às cidades paulistas de Barretos e São José do Rio Preto. A intensidade do movimento do Porto Taboado motivou o surgimento de um povoado, um pouco afastado das barrancas do Paraná e iniciado por Antônio Leandro, que cedeu para tanto parte de sua fazenda, denominada córrego do Campo. A povoação recebeu inicialmente o nome de lagoa Sujá²⁰², em virtude da existência, nas proximidades, de uma lagoa de águas escuras, consequência da vegetação que cobria suas margens. Posteriormente, o patrimônio passou a ser conhecido por Aparecida do Taboado (MILANI; ARANHA-SILVA, 2007, p. 3-4). Sob a perspectiva de Marlei Cunha (2007, p. 11):

²⁰² A grande lagoa existe até os dias atuais, sendo um viveiro natural de pássaros, entre eles, a Arara Canindé, tradicional em Mato Grosso do Sul.

[...] registramos as seguintes denominações para se referir ao local que ficou para a história da cidade de Aparecida do Taboado: fazenda córrego do Campo, Cabeceira Suja, Lagoa Suja, Aguado do Rondinha, Aguada do Cruzeiro, Porto Tabuado, Patrimônio de Nossa Senhora Aparecida do Tabuado, Terras da Mitra, Diocesana de Corumbá, Aparecida do Tabuado, Aparecida do Taboado [...].

O referencial hierotopônimo parece ser a explicação para a origem do topônimo. Por volta de 1942, iniciou-se o plano de loteamento das terras doadas por Antônio Leandro de Menezes à Mitra Diocesana de Corumbá, em cumprimento a uma promessa feita a Nossa Senhora Aparecida, pedindo a cura de seu filho Chico Leandro, que tinha uma grave enfermidade no ouvido. Marlei Cunha (2007, p. 13) esclarece que, entre os aparecidenses, circula a explicação de que é “Taboado porque há (ou havia), na região, muita taboa”:

Topônimo de Tabuado – Aparecida do Tabuado – Segundo consta, o Porto Presidente Vargas, no rio Paraná, “nas proximidades da junção do rio Paranaíba e Grande, nas alturas da Ilha Grande, era denominado, antigamente, Taboado”. Qual a origem da forma Tabuado? De tábua (prancha de madeira?). De tabua (grande erva que vive nas águas paradas e rasas)? De taboa (variante popular de tabua, registrada pela maioria dos dicionários)? (CUNHA, 2007, p. 13)

Frente ao exposto, nota-se que o topônimo Aparecida do Taboado congrega dois referenciais, na perspectiva de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1997), o *hierotopônimo* representado pela promessa do fundador para Nossa Senhora Aparecida, e o *fitotopônimo* (Taboado), a existência do porto denominado de Taboado. Como há o topônimo Aparecida no Estado de São Paulo, cidade em que se localiza o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, outra hipótese pode ser aventada: a junção do nome da santa, *Aparecida*, ao topônimo, *Taboado*, já existente na localidade (Porto do Taboado), para diferenciar a nova localidade: Aparecida do Taboado. Trata-se de um fenômeno comum na toponímia brasileira em que o nome composto contém um locativo que diferencia o topônimo de outro já existente. Na toponímia sul-mato-grossense há outros casos de nomes de municípios que atestam essa tendência: *Alvorada do Sul*, *São Gabriel do Oeste*. Segundo o modelo de Dick, anteriormente apresentado, o topônimo Aparecida do Taboado é classificado como hierotopônimo (o primeiro elemento do topônimo é a redução do nome religioso Nossa Senhora Aparecida). Na sequência apresentamos e discutimos os dados toponímicos de base indígena em termos de motivação.

3. Os dados estudados

No total, foram extraídos do mapa do IBGE (2010), relativo ao município de Aparecida do Taboado, **462** topônimos, sendo **55** oriundos de línguas indígenas. Os topônimos inventariados foram separados conforme o tipo de elemento nomeado (físico e humano), sendo **375** topônimos rurais, de *natureza humana* (nomes de fazendas, sítios, povoados...), destes **40** são de origem indígena, e **87** topônimos rurais, de *natureza física* (rios, córregos, morros...), dos quais **15** são de origem indígena. A partir desses dados, examinamos os topônimos em termos de classificação toponímica. A Tabela 1 traz a distribuição dos topônimos indígenas segundo a taxionomia de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 31-34):

Taxionomia Elementos Físicos	Número	Taxionomia Elementos Humanos	Número
Zootopônimos	9	Fitotopônimos	15
Fitotopônimos	3	Zootopônimos	14
Hidrotopônimos	2	Não Classificado	2
Dimensiotopônimo	1	Dimensiotopônimo	1
		Ecotopônimo	1
		Geomorfotopônimo	1
		Hidrotopônimo	2
		Morfotopônimo	1
		Cronotopônimo	1
		Etnotopônimo	1
		Sociotopônimo	1
Total	15		40

Tabela 1: Distribuição taxionômica dos topônimos indígenas do município de Aparecida do Taboado (MS). Fonte: Sistema de Dados do ATEMS.

Na sequência são apresentados os topônimos agregados a cada uma das taxes apresentadas na Fig. 1.

1. **Zootopônimos** (“topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos [...] e não domésticos [...] e da mesma espécie em grupos”) (DICK, 1992, p. 32): **23** ocorrências: fazenda *Seriema*, fazenda *Jandaia*, fazenda *Urutu*, fazenda *Cutia*, fazenda *Mutum*, fazenda *dos Cupins*, fazenda *Mandaguari*, fazenda *Tangará*, fazenda *Cateto Alegre*, fazenda *Sabiá*, fazenda *Caramuru*, Ø *Cupins*²⁰³, fazenda dos *Cupins da Matinha*, fazenda dos *Cupins de Três Barras*, fazenda do *Cateto*, córrego

²⁰³ Elemento geográfico não identificado no mapa.

da Arara, córrego Cupins, córrego Perdizes, córrego dos Cupins, Rural do Cateto, Barra das Perdizes, Lagoa Perdizes, córrego Urutu.

2. **Fitotopônimos** (“topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade [...], em conjuntos da mesma espécie [...], ou de espécies diferentes [...], além de formações não espontâneas individuais [...] e em conjunto”) (DICK, 1992, p. 31), com **18** ocorrências: fazenda *Buriti*, fazenda *dos Ypes*, sítio *Sucupira*, fazenda *Angico*, fazenda *Cambaúva*, fazenda *Bacuri*, fazenda *Guariroba*, fazenda *Ipê*, fazenda *Cajá*, fazenda *Bacuri*, sítio da *Pindaíba*, sítio *Imbaúba*, fazenda *Imbaúba*, fazenda *Aroeira*, fazenda *Capão Grande*, Ilha do *Sapé*, córrego *Congonha*, Cabeceira *dos Capões*.

3. **Hidrotopônimos** (“topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral [...]”) (DICK, 1992, p. 31)), com **quatro** ocorrências: fazenda *Paraná*, foz rio *Paranaíba*, rio *Paraná (Grande)* e \emptyset *Passo*²⁰⁴ *da Perereca*.

4. **Não Classificado** com **duas** ocorrências: sítio *Arapó* e fazenda *Cabajá*.

5. **Dimensiotopônimos** (“topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade”) (DICK, 1992, p. 31), com **duas** ocorrências: rio *Grande (Jeticaí)* e fazenda *Alto Paraná*.

6. **Ecotopônimos** (“topônimos relativos às habitações de um modo geral”) (DICK, 1992, p. 33), com **uma** ocorrência: fazenda *Taperão*.

7. **Morfotopônimos** (“topônimos que refletem o sentido de forma geométrica [...]”) (DICK, 1992, p. 32), com **uma** ocorrência: Retiro *Curva do Maracujá*.

8. **Sociotopônimos** (“topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade [...]”) (DICK, 1992, p. 34), com **uma** ocorrência: fazenda *Jangadeiro*.

9. **Etnotopônimos** (“topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)”) (DICK, 1992, p. 33), com **uma** ocorrência: fazenda *Xingu*.

²⁰⁴ Passo: “Em Mato Grosso e na bacia do Paraná a palavra passo tem o sentido de remoinho, voraagem que se forma em curvas fluviais” (SOUZA, 1961, p. 242).

10. **Cronotopônimos** (“topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha”) (DICK, 1992, p. 32), com **uma** ocorrência: fazenda *Nova dos Cupins*.

11. **Geomorfotopônimos**, “topônimos relativos às formas topográficas: elevações [...] e depressões do terreno [...] e às formações litorâneas [...]” (DICK, 1992, p. 31), com **uma** ocorrência: *Ø Barra das Perobas*.

4. *Análise dos dados*

Reiteramos que, quanto à motivação, conforme o modelo adotado para este estudo, estão disponíveis **27** taxes. Dessas, **10** foram identificadas na amostra de dados em estudo. Dois topônimos não foram classificados²⁰⁵ por não localização, por ora, de fontes confiáveis. Para análise, optamos por discutir as categorias em ordem decrescente, iniciando pela dos *zootopônimos*, a categoria mais recorrente. Observa-se nessa categoria que espécies comuns na fauna local funcionam como a fonte mais produtiva de motivação toponímica e é muito frequente em qualquer recorte que se tome para a pesquisa toponímica.

Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990, p. 261), a presença de animais entre as fontes motivadoras da toponímia brasileira reflete a circunstâncias já salientadas por Teodoro Sampaio que “resume a presença do animal na geografia brasileira, salientando as denominações mais comuns que ora lembram a abundância ou frequência dos felinos, roedores, desdentados, répteis [...]”. Além disso, de acordo com a autora “os índios brasileiros também dedicaram aos animais uma parte importante de sua cultura espiritual” (p. 263). Como exemplos desses designativos, aparecem nos dados em análise, entre outros, espécimes comuns nas matas e córregos da região.

A segunda categoria mais produtiva no *corpus* foi a dos *fitotopônimos*. A grande incidência dos fitotopônimos justifica-se pela indiscutível importância dos vegetais para o homem, para os animais, para a terra. Em outras palavras, grande contingente da herança vocabular de origem indígena no léxico do português do Brasil concentra-se entre os nomes relativos à vegetação. No caso de topônimos motivados por elementos da

²⁰⁵ Os dois topônimos não classificados foram: *Arapó* e *Cabajá*.

flora é uma característica da toponímia de todo o território brasileiro.

Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990, p. 145), “o estudo da vegetação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, pela variedade das espécies que se entrecruzam em porções delimitadas do espaço geográfico analisado”.

Na sequência, ocupando o terceiro lugar em termos de produtividade no *corpus*, situam-se os *hidrotopônimos*. É evidente que a presença da água como elemento motivador na toponímia é muito frequente em qualquer recorte que se tome para a pesquisa toponímica, considerando-se que a água é indispensável para a sobrevivência humana.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 66), ao discutir “os vocábulos toponímicos básicos de origem hidrográfica”, trata da incidência do vocábulo *água*, e conclui que os nomes formados pela estrutura “substantivo (genérico toponímico) + adjetivo (termo específico)” são os mais comuns no panorama brasileiro. Essa tendência também foi observada no *corpus* deste trabalho, uma vez que esse item lexical aparece compondo três topônimos. Se, no caso dos fitotopônimos, acabamos por constatar que a motivação é a presença das espécies vegetais no local ou próximo ao local nomeado, o mesmo parece acontecer com os hidrotopônimos, isto é, um elemento hídrico ou as características de suas águas, em alguns casos, aparecem como nome próprio, nesse caso, de fazendas e de outras localidades rurais.

E, por fim, as sete últimas taxionomias encontradas no *corpus* são: *cronotopônimo*, *dimensiotopônimo*, *ecotopônimo*, *etnotopônimo*, *geomorfotopônimo*, *morfotopônimo* e *sociotopônimo* cada uma delas com apenas uma ocorrência.

Essas foram, conforme anunciado, as considerações sobre as categorias motivacionais por ordem de maior ocorrência. Convém reiterar que o ambiente físico, representado pelas espécies animais, vegetais e os elementos hídricos, aparecem entre as categorias mais produtivas nesse conjunto de topônimos. Na sequência, apresentamos algumas considerações sobre a estrutura dos topônimos.

Consideramos para a análise da estrutura dos topônimos, quatro possibilidades: *simples*, *simples híbrido*, *composto* e *composto híbrido*. Dos 55 topônimos coletados, não foram encontrados topônimos compostos formados por nomes da mesma origem linguística; 12 são compostos

híbridos, ou seja, com formantes de línguas diferentes (fazenda *Alto Paraná*); **33** são simples (fazenda *Angico*) e **10** são simples híbridos formados a partir de morfemas de línguas distintas (fazenda *Jangadeiro*). Como se pode notar, a maioria dos topônimos possui estrutura simples.

A análise dos topônimos quanto à origem linguística nos permitiu verificar que no total de **462** topônimos, **407** (88%) são da língua portuguesa; e **55** (12%) têm origem na língua tupi. Esse resultado confirma o que Mário Arnaud Sampaio (1987) já havia observado:

[...] não há quem desconheça a [presença] do tupi em nossas denominações geográficas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes aplicou, e os conquistadores respeitaram [...] (SAMPAIO, 1987, p. 63).

Conforme anteriormente pontuado, o legado do tupi no léxico do português brasileiro é inegável e a herança indígena é uma marca significativa no panorama toponímico tanto do país como do Estado de Mato Grosso do Sul. A partir dos dados analisados podemos garantir que a importância dos estudos toponímicos se justifica também pela recuperação de parte da história, pois além de explicar e/ou fornecer pistas sobre a motivação dos nomes lugares, favorece a aquisição de múltiplos conhecimentos e sobre a região, em virtude do caráter interdisciplinar da Toponímia.

5. Considerações finais

A análise dos dados de toponímia indígena demonstrou que as taxonomias de natureza física estão intrinsecamente relacionadas ao processo de designação toponímica, pois evidenciam relação de proximidade entre o homem e o meio, como é o caso dos designativos que remetem a elementos do ambiente, em especial, à flora e à fauna, o que justifica terem sido os *zootopônimos* e os *fitotopônimos* as categorias com maior produtividade entre as 10 taxes identificadas no *corpus* estudado.

O estudo da amostra de dados apontou também para a importância dos estudos toponímicos como mecanismo de recuperação de aspectos históricos de uma comunidade de falantes, além de fornecer pistas sobre a motivação de nomes de lugares e sua relação com aspectos sociais e culturais do espaço nomeado.

A maior produtividade de topônimos motivados por elementos da flora e da fauna atesta a contribuição indígena para o léxico do português

brasileiro, característica essa que também se reflete na toponímia brasileira e sul-mato-grossense como um todo, evidenciando que os nomes de animais e de plantas fornecidos pela população nativa aos colonizadores também se perpetuam na toponímia.

Em outras palavras esse resultado corrobora o fato de que quando os colonizadores europeus chegaram ao território brasileiro, não conheciam a enorme variedade da fauna e flora brasileira e foram os índios que foram apresentando e dando nome aos animais e vegetais, o que ratifica o saber acumulado desses povos acerca dos meandros da floresta, da natureza, da origem do mundo. Os topônimos compostos híbridos demonstram uma das tendências da toponímia brasileira de associar um nome de base portuguesa a um nome descritivo de origem indígena. fazenda *Cateto Alegre*; fazenda *Nova dos Cupins*.

Em síntese, um estudo toponímico sempre terá como pretensão examinar a relação entre língua, cultura e ambiente manifestada, sobretudo, no sistema lexical de uma língua. De acordo com Aparecida Negri Isquierdo (2008, p. 34),

[...] o vocabulário onomástico-toponímico – os topônimos – tende a ser marcado ideologicamente por consubstanciar a visão do denominador num tempo e num espaço determinados. Enfim, os topônimos confirmam a tese de que a história das palavras caminha muito próxima à história de vida do grupo que dela faz uso, razão pela qual a ação de atribuir um nome a um lugar corporifica uma soma de diversificados fatores – linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos, ideológicos – do grupo que habita o espaço geográfico tomado como objeto de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*: ATITO. Goiânia, Goiás: PUC, 2006.

ASSIS, Ceci Fernandes de. *Avañe 'ẽ-portuge/portuge-avañe 'ẽ*. Dicionário guarani-português/português-guarani. São Paulo: Edição da autora, 2008.

ATEMS – *Atlas toponímico de Mato Grosso do Sul*. Banco de Dados. Campo Grande: UFMS, 2017 (restrito).

BARBOSA, Antônio Lemos. *Pequeno vocabulário tupi-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

BEARZOTI FILHO, Paulo. *Formação linguística do Brasil*. Curitiba:

Nova Didática, 2002.

CARDOSO, Levy. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário histórico das palavras portuguesa de origem tupi*. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

_____. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Marlei. *Aparecida do Taboado: O Portal do Desenvolvimento*. Aparecida do Taboado, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A dinâmica dos nomes na toponímia de São Paulo, 1954-1897*. São Paulo: Annablume. 1997.

_____. Método e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: a toponímia do estado de São Paulo. *Investigações. Linguísticas e Teoria Literária*. São Paulo: USP, vol. 9, 1999.

_____. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição Bororo à toponímia brasílica*. São Paulo: ed. da USP, 1965.

GUASCH, Antonio; ORTIZ, Diego. *Diccionario castellano-guaraní; guaraní-castellano*. 13. ed. Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción, Paraguay, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 13 Editora Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O nome do município*. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Revista Prolíngua*. n.2, v.1, dezembro/2008.

MILANI, Patrícia Helena; ARANHA-SILVA, Edima. As transformações sócio-espaciais e ambientais no município de Aparecida do Taboado-MS e sua inserção no Projeto Região Turística Costa Leste-MS. *XV Encontro Sul-mato-grossense de Geógrafos. A geografia a serviço da sociedade*. Corumbá, 2007.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2006.

SAMPAIO, Mário Arnaud. (Org.). *Vocabulário guarani-português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 3. ed. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

_____. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1961.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. *Dicionários de topônimos de origem tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço, 1985.

_____. *Dicionário guarani-português*. São Paulo: Traço, 1989.